

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

Constituição subjetiva: contribuições da psicanálise ao desenvolvimento infantil¹*Constitución subjetiva: contribuciones del psicoanálisis al desarrollo infantil*Sirley Sílvia Almeida da SILVA²Pompéia VILLACHAN-LYRA³Alexandra Marques PINTO⁴

Resumo: O presente artigo teve por objetivo verificar de que modo o desenvolvimento físico e subjetivo emerge no discurso dos pais e/ou familiares ao mencionarem exemplos cotidianos das práticas de cuidado com os seus bebês. Compreende-se que o bebê, sendo imaturo física e psiquicamente nos primeiros anos de sua vida, necessita de um adulto que lhe dedique, além dos cuidados básicos à manutenção da saúde corporal, o investimento emocional capaz de ajudá-lo a desenvolver habilidades subjetivas necessárias à manutenção das relações consigo e com o mundo. Nesse sentido, entendendo que a família e/ou os cuidadores desempenham o papel fundamental de suporte ao desenvolvimento, pela via subjetiva do afeto, a pesquisa apresentada, pautou-se nas concepções teóricas do desenvolvimento infantil tomando por base o viés psicanalítico, no que concerne à constituição subjetiva na primeiríssima infância. Os relatos apresentados nas entrevistas demonstraram a significativa importância que as famílias têm atribuído ao desenvolvimento subjetivo, compreendendo e valorizando a necessidade de contato e a relação de cuidado afetivo com seus bebês.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. Constituição Subjetiva. Psicanálise.

Resumen: El objetivo de este artículo fue verificar cómo emerge el desarrollo físico y subjetivo en el discurso de los padres y/o familiares al mencionar ejemplos cotidianos de las prácticas de cuidado con sus bebés. Se entiende que el bebé, siendo física y psíquicamente inmaduro en los primeros años de su vida, necesita un adulto que le dedique, además de los cuidados básicos al mantenimiento de la salud corporal, la inversión emocional capaz de ayudarlo a desarrollar habilidades subjetivas necesarias para el mantenimiento de relaciones consigo mismo y con el mundo. En este sentido, entendiendo que la familia y/o los cuidadores juegan el papel fundamental de apoyar el desarrollo, a través del camino subjetivo del afecto, la investigación presentada se basó en las concepciones teóricas del desarrollo infantil basadas en el sesgo psicoanalítico, con respecto a la constitución subjetiva en la primera infancia. Los relatos presentados en las entrevistas demostraron la importancia significativa que las familias han atribuido al desarrollo subjetivo, entendiendo y valorando la necesidad de contacto y la relación del cuidado afectivo con sus bebés.

Palabras clave: Desarrollo Infantil. Constitución Subjetiva. Psicoanálisis.

1 Introdução

Este artigo propõe o desafio de analisar uma vertente que destaca o desenvolvimento

¹ Recorte da Dissertação de Mestrado intitulada: *Espelho, espelho meu, me diga quem sou eu: a importância do cuidar e educar para o desenvolvimento socioemocional na primeira infância* (UFRPE).

² Mestranda em Educação, Culturas e Identidades – PPGECI – UFRPE/FUNDAJ – sa.sirley@gmail.com

³ Doutora em Psicologia – UFPE / Docente de graduação e pós-graduação da UFRPE – pompeia.lyra@ufrpe.br

⁴ Doutora em Psicologia – ULisboa / Docente de graduação e pós-graduação da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa - PT - ampinto@psicologia.ulisboa.pt

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

subjetivo precoce à luz da Psicanálise, considerando o enlaçamento afetivo família-bebê enquanto condição fundamental à constituição psíquica e, conseqüentemente, ao desenvolvimento biopsicossocial do sujeito. Por se tratar do recorte da dissertação de mestrado, aponta-se como objetivo norteador desta construção: verificar de que modo o desenvolvimento físico e subjetivo emerge no discurso dos pais e/ou familiares ao mencionarem exemplos cotidianos das práticas de cuidado com os seus bebês.

Para Jerusalinsky (2014), o ser humano tem um complexo sistema de representação que funciona como memória, visto que, inicialmente, ele é desprovido de um código que possa dar valor ao que lhe chega através da percepção, pois isso não acontece de forma inata e instintiva. O psiquismo não deve ser comparado a uma tábua rasa, pois é somente através das experiências vivenciadas pelo sujeito, na relação com um outro, que se produzirão inscrições psíquicas.

A experiência da escuta psicanalítica permite compreender que existe um saber inconsciente que envolve a relação mãe-bebê e que, é a partir do desejo que esse saber é colocado em movimento nessa relação que a mãe ou quem exerce essa função, tem com o seu bebê. A mãe é engendrada pelo bebê desde o ponto de vista lógico, uma vez que uma mãe só existe a partir de um filho.

Freud, sendo o criador da teoria e prática psicanalítica, apresentou ao mundo uma concepção intrigante sobre o funcionamento humano, ao introduzir a ideia de inconsciente, sua estruturação e conseqüente relação com a subjetividade, a partir do século XIX. A criança e os bebês abordados na obra freudiana são sujeitos que podem sentir raiva, tristeza, desejo, sendo ainda portadores de uma sexualidade e também capazes “[...] da maior parte das manifestações psíquicas do amor, por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme” (Freud, 1976, p.139).

Ao tratar do aparelho psíquico, Freud (1996a), aponta que a satisfação das necessidades endógenas de um ser humano, nos momentos iniciais de sua vida, só acontece a partir do suporte de um outro que, ao cuidar, seja capaz de atribuir ao choro do bebê uma intenção de comunicação.

Embora o próprio Freud não tenha trabalhado diretamente com os bebês, pode-se afirmar que suas reflexões, observações e construções teóricas certamente deixaram importantes pistas sobre o funcionamento psíquico e sua intrínseca relação constitutiva com as representações que são fornecidas por aquele que dedica ao bebê os principais cuidados afetivos. Tem-se como célebre exemplo a observação de seu neto de 18 meses que, a partir do jogo do carretel (*fort-*

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

da) foi capaz de assimilar e suportar a ausência momentânea da mãe, representando sua presença-ausência com os movimentos de ida e volta do carretel, tendo o apoio das palavras: vai (*fort*) e volta (*da*) (Queiroz, 2005).

Seguindo os caminhos inaugurados por Freud, alguns nomes marcaram a história da observação dos bebês e das interações precoces, a exemplo de Spitz, Margareth Mahler, Selma Freiberg, Esther Bick, Serge Lebovici, entre outros. Desempenhando importante papel no desenvolvimento dos métodos de observação dos bebês em articulação com a psicanálise, os referidos autores puderam demonstrar que essas duas técnicas (a saber, o método de observação dos bebês e a psicanálise) podem ser complementares (Queiroz, op. cit).

Outro autor que se destaca no campo psicanalítico no que concerne ao desenvolvimento teórico acerca da constituição subjetiva e à observação de bebês e crianças é Donald Winnicott. O autor aborda que a origem do sujeito, a concepção do si-mesmo, se apoia completamente nas primeiras experiências de encontro com alguém que exerça presença constante e afetiva, no que tange aos cuidados primeiros, necessários à manutenção da vida do bebê. Winnicott (2000) atribui à relação mãe-bebê um lugar de destaque no que concerne à constituição psíquica (subjetiva), mencionando-a como base para o vir-a-ser sujeito.

O autor defendeu a concepção de que a presença do outro deixa uma marca significativa para o bebê, considerando esse cuidado inicial indispensável e estruturante no processo de subjetivação. Assim, os primeiros cuidados e as relações parentais são necessárias ao processo de constituição psíquica. Para o autor, esses primeiros cuidados que são dirigidos às crianças, na sua primeiríssima infância, são a base de sua saúde mental, o que possibilita um desenvolvimento saudável (Winnicott, 1978).

Ao descrever sobre o desenvolvimento emocional primitivo, Winnicott (1978) convoca a pensar o bebê desde a sua concepção onde se inicia o desenvolvimento, afirmando que “[...] o desenvolvimento primitivo do bebê, antes de o bebê conhecer a si mesmo (e como consequência aos outros) como pessoa total que ele é (e que eles são), é vitalmente importante” (p. 274). Considera-se, portanto, que os primeiros meses de vida têm um papel crucial no modo como o desenvolvimento vai acontecendo, visto que, para que um ser humano consiga relacionar-se com um outro ele já percorreu um longo caminho em seu desenvolvimento primitivo.

Ainda com ênfase à importância dos cuidados direcionados à criança pequena, John Bowlby (1989), com base no conceito de Teoria do Apego, enfatiza que as experiências

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

vivenciadas pela criança junto aos seus cuidadores serão fundamentais para o desenvolvimento de sua personalidade, uma vez que a criança assimilará tais experiências como expectativas acerca de si, do outro e do mundo. O autor destaca ainda que o sistema de apego exerce influência direta nas respostas afetivas e no desenvolvimento cognitivo da criança e a isto se pode acrescentar que, as relações de apego estabelecidas entre a criança pequena e seus pais ou substitutos influenciam fortemente a construção de competências ao longo da vida, embasada pelo modo como as emoções (expressas pela criança) são nomeadas, interpretadas e respondidas por esses adultos significativos (Villachan-Lyra, 2002; 2021).

O apego foi considerado por Bowlby (1989) um mecanismo biológico, que encontra apoio e fortalecimento na relação segura que os bebês estabelecem com os pais e/ou familiares a partir da disponibilidade destes ao cuidado e suprimento de necessidades básicas. As respostas que, nesse sentido, os adultos fornecem aos bebês no momento em que são demandados, contribuem para o estabelecimento de um vínculo afetivo que se registra por meio das capacidades emocionais e cognitivas do bebê. Tais registros assimilados pela criança, com base em suas primeiras relações de apego, serão relevantes para o modo como esta vivenciará as interações e, sobretudo, os estilos de apego experimentados por toda a vida.

As relações de apego, embora se estabeleçam prioritariamente em momentos precoces do desenvolvimento infantil, terão repercussões duradouras e abrangentes também no modo como a criança (e também em sua vida adulta) vivenciará o sentimento de autonomia e liberdade.

Corroborando com este aspecto Winnicott (1978) considera que, o tempo dedicado ao cuidado infantil é mais importante do que a capacidade intelectual, uma vez que a mãe “suficientemente boa” se adapta às necessidades de seu bebê. Na medida em que a relação mãe-bebê acontece, a mãe vai sendo cada vez menos adaptativa – ao imperativo das necessidades do bebê –, de maneira gradativa possibilitando que o bebê vivencie pequenas frustrações, permitindo que este também adquira autonomia. Assim, o vínculo afetivo também é potencialmente promotor de aprendizagem e autonomia.

É o lugar que o bebê ocupa no desejo familiar, sobretudo no desejo materno e paterno, que dará as pistas para a compreensão da forma como esses pais satisfazem ou não as necessidades do bebê e ainda, através da maneira como falam com ele. Mesmo antes de vir ao mundo o bebê já se faz presente simbolicamente para a sua família, se esse bebê esperado for também um objeto de identificação para os seus pais, eles o anteciparão como sujeito desejante

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

e essa experiência compartilhada e apreendida inicialmente pelo bebê como prazer ou desprazer irá contornar, delimitar o corpinho do bebê e constituir a sua subjetividade (Barbosa, 2007).

Para Coriat (1997), o tempo é muito importante, embora as funções psíquicas se constituam dentro de um tempo lógico, existe, nesse primeiro tempo, entendido como os primeiros anos de vida de um bebê, um momento de estruturação psíquica, uma dependência vital em detrimento do tempo real cronológico. Para a autora, as inscrições dessas marcas que são fundantes no psiquismo de um bebê, dependem dessas variáveis temporais, visto que, o sistema nervoso central só estará apto a receber determinadas inscrições no início da vida.

Laznik (2004) também compreende a importância do tempo para o desenvolvimento e a particularidade dos primeiros anos de vida de um bebê. Ao se referir à plasticidade neuronal, ela considera a idade um dado central para que a intervenção seja eficaz e contribua para diminuir os riscos de desenvolvimento na primeira infância. Pensar o bebê na sua complexidade é entender que o desenvolvimento não opera apenas por automatismo biológico, por mais saudável fisicamente que possa se apresentar um bebê, ele necessita de um outro que lhe introduza no mundo humano para que assim desenvolva sua instrumentalização na motricidade, na linguagem e na sua relação de vida diária (Jerusalinsky, 2002).

2 Função materna: da dependência à autonomia

É pertinente destacar, no cerne do desenvolvimento à luz da teoria psicanalítica que, inicialmente, o bebê não é capaz de discernir entre os limites do seu corpo e do corpo de sua mãe. Isso ocorre em virtude da fantasia de onipotência através da qual o bebê acredita (de modo inconsciente) ser capaz de satisfazer as próprias necessidades, ou seja, a mãe que sacia sua fome, que o alivia do desconforto é sentida como extensão de seu próprio corpo. Assim, "sabemos que o mundo estava lá antes do bebê, mas o bebê não sabe disso, e no início tem a ilusão de que o que ele encontra foi por ele criado" (Winnicott, 1990, p. 131).

Essa ilusão é parte fundamental do desenvolvimento psíquico saudável do bebê e, para que ela possa ocorrer, é necessário que a pessoa dedicada aos seus cuidados esteja empenhada em apresentar o mundo de forma acessível ao bebê, adequado aos seus limites e necessidades. Essa é a razão pela qual esse pequeno ser não é capaz de existir sem a presença de uma pessoa que lhe dê suporte físico e psíquico, sem a presença de alguém que esteja especificamente

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

dedicado a estes cuidados iniciais (Winnicott, 2001).

Vieira (2010) afirma que a presença desse referido cuidado também se relaciona com a capacidade criativa do bebê que, por sua vez, se torna capaz de integrar, ao campo da ilusão, as experiências inicialmente vivenciadas. Zornig, Morsh e Braga (2004) destacam que, posteriormente, essas experiências de ilusão servirão de base ao desenvolvimento criativo, permitindo ao sujeito transitar entre o interno e externo, num espaço transicional.

O nascimento marca o primeiro contato do bebê com a sua família e é nesse momento dos primeiros toques, do primeiro olhar, que emerge a percepção da diferença entre o bebê subjetivamente concebido pelos pais, não visto no decorrer da gestação e o bebê objetivamente visto com todas as suas características e sua particularidade. Para Winnicott (1975), é desde o nascimento que o problema da relação se instaura entre o que é percebido (objetivamente) e o que é concebido (subjetivamente). O autor afirma que o ser humano não lida diretamente com a realidade externa, ele constrói um espaço intermediário entre a realidade interna (psíquica) e a realidade externa (compartilhada).

Para que o bebê tenha, nos seus primeiros meses de vida, as condições necessárias a um bom desenvolvimento e também possa ter a oportunidade do seu potencial hereditário atualizar-se e manifestar-se, exige-se uma condição ambiental adequada e uma “maternagem suficientemente boa” (Winnicott, 2006). É nesses primeiros meses que a “mãe suficientemente boa”, como afirma Winnicott, precisa exercer três funções que são essenciais à maternagem: *holding* (sustentação), *handling* (manejo) e a *apresentação dos objetos*.

A maneira como o bebê é sustentado no colo da mãe é o que caracteriza o *holding* para Winnicott. É essa experiência física e simbólica que é compreendida na firmeza com que o bebê é amado, sustentado e desejado como filho. O termo “segurar o bebê” é a expressão mais presente no início do desenvolvimento, essas palavras podem ser traduzidas pela atitude de pegar o bebê no colo com segurança, de amamentar e aconchegar. Essas ações podem causar satisfação e acelerar o processo de maturação da criança. É na repetição desses cuidados que o bebê vai construindo sua capacidade de sentir-se real (Winnicott, 2006).

Quando as coisas não estão bem, o bebê sente as falhas no cuidado materno. Um *holding* deficiente – que pode ser entendido como alguma falta de apoio, mudanças repentinas na forma dos cuidados – causa sensação de despedaçamento e desconfiança da realidade externa (Winnicott, 2001; Valler, 1990). É na fase do *holding* que o bebê vive uma dependência

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

absoluta dos cuidados, ele não é capaz de diferenciar o que é mal feito ou bem feito nesse período entre os primeiros cinco meses, uma vez que está em total dependência com a mãe ou com quem exerce a função de cuidado.

Dessa forma, quanto mais o adulto que cuida for capaz de compreender a necessidade do bebê, melhor será o desenvolvimento deste. Essa atitude é nomeada, de acordo com as concepções de Winnicott, de *dependência absoluta*. Para Abram (2000), é através do *holding* que o bebê se torna capaz de desenvolver a capacidade de se reconhecer e de integrar suas experiências.

Do sexto mês até os dois anos, o bebê tem consciência que ele tem necessidades e dependência e assim, vai se diferenciando de forma progressiva de sua mãe. É nessa *dependência relativa* que o bebê já desenvolve a capacidade de estabelecer uma relação com o objeto e dessa forma, já não espera que um outro satisfaça suas necessidades de forma mágica. Portanto, é necessário que a mãe espere esse sinal do seu bebê, espere que ele demonstre sua necessidade, antes de se antecipar a satisfazê-lo (Winnicott, 2001).

É no segundo ano que o bebê passa a evoluir gradativamente rumo à independência, a partir do acúmulo de memórias da maternagem. Isso acontece na medida em que ele vai introjetando os detalhes dos cuidados que lhe tem sido dispensados e da projeção das suas necessidades. O bebê passa a desenvolver meios para poder suprir os cuidados maternos, embora sabendo-se que a independência nunca é absoluta, pois o sujeito nunca se encontra isolado, mas em uma relação de interdependência com o meio no qual ele está inserido (Winnicott, 2006; Davis; Wallbridge, 1982).

É na experiência que o bebê entra em contato com as diversas partes do seu corpo e a vivência dessa experiência se dá a partir das mãos cuidadosas de um adulto. É partindo da forma como o bebê é cuidado, manipulado e tratado que Winnicott (2001) vai desenvolver a sua concepção de *handling*. Ao ser manuseado, o bebê vive uma experiência repetitiva de cuidados físicos, mas também rica de afeto, olhar e acolhimento. Vivência essa que vai sendo capaz de dar ao bebê uma sensação de interior e exterior, que vai se inscrevendo na psique do bebê. Na medida em que ele se desenvolve corporalmente, vai se constituindo subjetivamente e se tornando, assim, um sujeito.

A mãe, ao exercer a função de *apresentação dos objetos*, começa a se colocar como substituível, permitindo que o bebê seja capaz de encontrar e criar novos objetos que lhe sejam

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

importantes. É nesse momento que os impulsos da criança se tornam reais, dando início às suas relações interpessoais e também à sua introdução no mundo de compartilhamento. Assim, uma mãe “suficientemente boa” facilita o desdobramento da maturação do seu bebê, utilizando-se dessas três funções: a integração (possibilitada pelo *holding*), a personalização (permitida pela *handling*) e a relação objetal (possibilitada pela *apresentação dos objetos*). Essa maturação, que faz parte do potencial herdado do bebê, vai se revelando a partir da adequação ambiental favorável. Se o ambiente em que o convívio familiar e afetivo do bebê for suficientemente bom, o crescimento e desenvolvimento atingirá seus primeiros resultados positivos (Winnicott, 2001; 2006).

Nesse sentido Marie-Christine Laznik (2004), em suas concepções sobre os sinais de risco e intervenção precoce, corrobora com as ideias de Winnicott sobre olhar o sujeito em sua integralidade. Para a autora, o bebê estará sempre em risco quando o cuidado a ele dispensado estiver voltado apenas para o alcance das capacidades e habilidades motoras e cognitivas.

Para Laznik (2004), o olhar de quem exerce a função de cuidar é extremamente importante para a constituição da imagem corporal originária, a qual é reencontrada na imagem especular. A autora utiliza a expressão “ilusão antecipadora” ao afirmar que a mãe anteciparia, com seu investimento libidinal no *infans*, a presença de um sujeito. Mas para que isso aconteça se faz necessário que a mãe tenha condição psíquica de sustentar a ilusão antecipadora, ou seja, ver o que não é real – a saber, supor que seu bebê é um sujeito, com desejos e capacidades próprias, mesmo sendo ainda tão pequeno e imaturo.

3 Função Paterna: da presença física à lei simbólica

Na perspectiva psicanalítica, o pai ou quem exerce essa função é parte fundamental da constituição psíquica do bebê. Durante o seu crescimento e amadurecimento o bebê convive, de modo cada vez mais efetivo, com a pessoa que exerce a função paterna e nesse contato assimila aspectos dessa relação que são cruciais para o seu desenvolvimento, a saber, o reconhecimento da alteridade, a experiência do limite e compreensão das regras sociais. Na tríade mãe-bebê-pai a constituição psíquica se desenvolve e o estatuto de identidade do bebê se estabelece através de uma relação direta e efetiva com o pai enquanto terceira pessoa.

O pai sempre esteve presente na teoria freudiana e a sua função paterna é primordial para

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

a constituição psíquica da criança. Freud fez um percurso teórico partindo de um pai sedutor ao pai da horda primitiva que, em “Totem e Tabu” (1996b) é apresentado como aquele que interdita o prazer absoluto, o incesto, introduzindo a lei simbólica e apontando para a questão edípica⁵ como ponto central dos desejos infantis e também como o núcleo das neuroses.

Winnicott (2001) vai tratar a figura paterna como pessoa real que integra e mantém o todo social que constitui o ambiente, permitindo que o bebê tenha experiências reais. Na teoria winnicottiana o que importa é a participação efetiva desse pai na vida da criança, sendo necessário que suas ações e presença sejam efetivas nesse momento inicial do desenvolvimento. A análise do papel do pai para Winnicott, parte da concepção de um bebê amadurecendo dentro de uma família constituída por pessoas reais, que dedicam ao bebê cuidados igualmente reais, uma participação concreta que se distancia de outros vieses psicanalíticos.

Com a experiência pediátrica de Winnicott (2000), muito há que se considerar quando se trata do desenvolvimento físico e emocional infantil. Ele afirmava que a maior parte da experiência que organiza a personalidade da criança acontece nos primeiros anos de vida, momento em que o bebê vive uma dependência de um ambiente que lhe preste cuidados e atenda às suas necessidades de forma suficientemente boa, contribuindo para o processo maturacional. Se o pai se faz presente na relação e na dinâmica da família, ele desempenha a função paterna necessária ao estágio do desenvolvimento maturacional vivenciado pelo bebê, respeitando a qualidade do ambiente habitado pela dupla mãe-bebê e estando atento às particularidades que o filho apresenta.

Lacan (2003), ao escrever sobre os complexos familiares, trata de um declínio social da imago paterna o que levaria ao empobrecimento identificatório das famílias e uma degradação das questões edípicas que já não garantiriam a maturação subjetiva da criança. Na década de 1950, Lacan se aproxima de Lévi-Strauss (2002), e se apoia na obra que tratava as estruturas elementares de parentesco e reforma a sua teoria, partindo de uma tópica centralizada no imaginário para uma que se constrói no simbólico. Nesse ponto teórico da construção lacaniana a família passa a ser entendida como relação de parentesco e a imago paterna começa a ser tratada como função paterna.

Nessa virada do pai de família para o Nome-do-pai, a função paterna e também o

⁵ Referência à tragédia sofocliana conhecida como Édipo Rei dentro da trilogia tebana. Oriundo da mitologia grega o Mito de Édipo foi utilizado por Freud ao abordar aspectos do desenvolvimento e da sexualidade infantil.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

complexo de Édipo são pensados na teoria lacaniana a partir de um conceito universal, independente do contexto histórico e social. Portanto para que a inscrição do Nome-do-pai aconteça é preciso que exista um pai da realidade, um lugar de um terceiro. É a mãe que introduz essa metáfora paterna, abrindo um espaço possível para a entrada desse terceiro, sendo aquele que ocupa um lugar pela palavra dita e pela presença física ou ainda aquele de quem a mãe pode falar, tornando-o presente na realidade da criança. É esse pai real que vai introduzir para o bebê a castração simbólica, transmitindo para sua criança a filiação, a lei e o desejo.

Essas transmissões reguladas pela castração são necessárias para que o infans aceda à condição de sujeito desejante, sendo o pai que representa o outro na relação funcional entre a mãe e o bebê. Quando esse pai exerce sua função interditora, a criança é submetida à lei do pai e essa submissão irá colocá-la em contato com a lei do desejo do outro e assim conseguirá vivenciar a alteridade. Ao perceber a falta, aquilo que não pode acessar, na relação com sua mãe, a criança torna-se capaz de substituir o desejo de ser o objeto de prazer da mãe por uma relação de diferenciação entre elas. A criança vivencia então a renúncia do objeto inicial, recalçando seu desejo primitivo e construindo novos significantes para o seu próprio desejo, tornando-se livre para ir além de uma relação dual (mãe-bebê).

4 Porque falar com o bebê: sobre a linguagem e suas implicações na constituição.

Quando uma mãe se posiciona de forma suficiente na estrutura simbólica, ela passa a supor que seu filho é um sujeito inteligente e capaz, acreditando ainda que é possível aprender com ele. É por esse motivo que as mães conversam com seus bebês. Além de se dirigirem a eles, consideram também o que eles têm a dizer, embora sejam as mães que, muitas vezes, falem em nome dos bebês, atribuindo-lhes uma voz própria. Nesse ato de falar com e pelo bebê as mães descobrem o encanto desse bebê por essa fala insólita e envolvente com um ritmo e uma tonalidade de voz própria, encantadora e exagerada. Para Barbosa (2012), quando esse diálogo acontece, parece que mãe e filho acreditam haver um importante desafio e que juntos precisam fazer-se cumprir. Esse desafio é o de inserir e ser inserido no universo da linguagem.

Os estudos pautados nas teorias psicológicas do desenvolvimento permitem entender que o papel atribuído à interdisciplinaridade trouxe avanços significativos na compreensão de que, desenvolver-se diz muito mais da experiência e da construção do que propriamente do

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

crescimento e da progressão de fases. E nesse cerne também se engaja a subjetividade com as contribuições da psicanálise, que trouxeram uma mudança paradigmática acerca do que significa tornar-se sujeito, estando inserido no campo da linguagem.

A psicanálise vem pensando cada vez mais acerca da importância da linguagem para a estruturação psíquica do sujeito, portanto atribui também uma importância aos estudos da linguagem para o desenvolvimento humano, reconhecendo neste o afeto e a relação. Nesse sentido, enfatiza-se a importância de um outro que seja portador da fala, que participe de forma direta da constituição psíquica da criança. É esse outro que assume um papel primordial para a constituição do sujeito com a sua consciência, o seu inconsciente, a relação cultural e o desejo. A linguagem, para a psicanálise, não é só o que fornece as condições para o indivíduo se desenvolver cognitivamente, nem apenas o que oferece a possibilidade de se relacionar com o meio, mas é também estruturante do desejo e responsável por regular as pulsões.

Para Parlato-Oliveira (2011), a linguagem está vinculada à constituição da subjetividade humana, elas se entrelaçam ao ponto de ambas (linguagem e subjetividade) se tornarem uma para o sujeito. A constituição subjetiva acontece pela relação que o sujeito estabelece com a linguagem que constantemente o rodeia, com as expressões e falas presentes nos espaços de seu cotidiano. Esse movimento linguajeiro proporciona as condições necessárias para que o ser em constituição possa fazer uso da linguagem na construção da sua subjetividade. E essa linguagem apresenta para o bebê o seu próprio corpo, apresenta os objetos existentes no mundo; isso acontece através de um processo em que a apresentação desse universo complexo, onde tudo é novo para o bebê, se realiza por meio dos recursos visuais, auditivos e de toda junção de sentidos que são fundamentais para a constituição da linguagem.

O bebê, imerso no mundo da linguagem, compreende a sua existência pelas excitações sensoriais que o adulto, dotado da linguagem, nomeia e significa para ele. É através dos gestos, da fala e do silêncio que o bebê assimila as coisas do mundo (Parlato-Oliveira, 2011).

Entende-se, desse modo, que não é apenas a fala oralizada que compõe a subjetividade, o campo da linguagem permite estabelecer sentidos e gerar comunicação. A subjetividade é constituída pelas variações. São as tonalidades, as nuances, que vão garantir as diferenças entre os sujeitos. Essas diferenças dão condições de pensar o humano de forma subjetiva e não apenas objetiva.

Ao abordar a capacidade motora do bebê, também é possível destacar que, desde muito

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

cedo, ele é capaz de lançar mão de um repertório de estratégias que garanta a sua vida. Entende-se que, embora vivenciando uma condição de extrema dependência dos cuidados do outro, o bebê humano, de modo ativo e com a habilidade de perceber que seus sons, gestos e movimentos convocam o adulto, passa a atraí-lo para que aquele que exerce os seus cuidados não esqueça de atender-lhe as necessidades. Esse saber subjetivo, desenvolvido pelo bebê, expressa a criação precoce de um repertório, dentro do campo da linguagem, que assegura, em condições saudáveis, o entendimento dos cuidadores e a conseqüente dedicação para com as necessidades do bebê (Newcombe, 1999; Parlato-Oliveira, 2011).

Jerusalinsky e Páez (2000) afirmam que esse bebê tão indefeso já recebeu essa marca inconsciente e a incorporou (a saber, a marca da linguagem que o precede). Quando ele chora por sentir uma dor na barriga, não é a barriga que dói é o universo que dói, pois nesse momento inicial entre a barriga e o universo em termos de extensão, não existe diferença. Mas, quando ele chora a mãe o consola e ao pegar no colo ela vai nomear a “cólica dos três meses” e o bebezinho aprende que a barriga tem que doer, que ele tem que chorar e que a mãe vem. Na medida em que o adulto atribui previamente à criança uma condição de sujeito, o chorar se constitui em um saber, o bebê passa a saber que “quem chora, mama!”.

Dessa forma compreende-se que as condições biológicas do bebê e o exercício das funções parentais são capazes de produzir uma combinação singular que vai explicar o funcionamento da linguagem que surge na relação e na maneira como o diálogo entre mãe-bebê, pai-bebê, família-bebê acontece. Portanto o desenvolvimento emocional na infância está intimamente ligado ao desenvolvimento da linguagem (Rechia *et al*, 2010).

Nagy e Molnar (2004) apresentam alguns estudos relevantes, enfatizando a importância dos momentos iniciais do desenvolvimento dos bebês, mostrando que, desde o momento inicial da vida, a criança tem condições de imitar o adulto e essa competência é bastante favorável à aprendizagem. Desse modo, o bebê tem habilidades que lhe dão condições de provocar o outro a se comunicar com ele.

Diante da importância da linguagem para a constituição subjetiva dos bebês, apresenta-se a especificidade dos bebês surdos. Visto que eles não compartilham da capacidade sensorial auditiva que lhes daria possibilidade de captar os sons permitindo que organizassem a fala oralizada. No entanto, essa é a única limitação para o bebê no campo da linguagem e essa limitação, num primeiro momento, ainda não é apreendida por esse pequeno sujeito, visto que,

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

ele não reconhece as possibilidades que a escuta poderia lhe oferecer.

É no adulto que essa limitação em seu modo de lidar com um bebê surdo pode estar presente, o fato de ser dotado de uma capacidade auditiva pode erguer-se como uma dificuldade de lançar sobre o bebê um olhar mais amplo sobre suas possibilidades de comunicação e produção de linguagem. O bebê surdo está dotado de capacidades sensoriais intactas, aliadas à condição de produzir linguagem, que são inerentes ao ser humano. Esses são artifícios suficientes para construção da subjetividade e articulação comunicativa (Pinker, 2004; Parlato-Oliveira, 2011).

5 Percorso metodológico

A pesquisa caracterizou-se como qualitativa e, em virtude do tempo previsto para sua realização, apresentou um recorte transversal no que se refere aos dados construídos. O perfil dos participantes foi construído, inicialmente, a partir de entrevista sociodemográfica com as famílias participantes. Quanto à realização de entrevista semiestruturada que, segundo Minayo (2015), visa proporcionar maior liberdade às pessoas entrevistadas em suas respostas às perguntas, buscou-se acessar as concepções dos pais e familiares acerca da importância atribuída às relações afetivas do desenvolvimento infantil.

A pesquisa foi divulgada na modalidade on-line, sobretudo através das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, com um panfleto virtual contendo informações básicas acerca da pesquisa, bem como os dados de contato da pesquisadora. O recrutamento das famílias participantes foi realizado a partir do desejo voluntário de participação na pesquisa, respeitando a ordem daquelas que primeiro lessem e assinassem o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), atendendo aos critérios de inclusão e exclusão previamente considerados. Quanto aos critérios de inclusão para participação na pesquisa: a) famílias com crianças de 0 à 3 anos; b) familiares que exercessem de modo direto e significativo a função de cuidar; c) crianças cujos pais fossem brasileiros; d) crianças que estivessem residindo no Brasil. Quanto aos critérios de exclusão: a) crianças maiores de três anos de idade; b) crianças em contextos de acolhimento institucional; c) crianças que apresentassem diagnóstico de alterações no neurodesenvolvimento.

A pesquisa foi realizada em ambiente virtual, denominado ciberespaço (Lévy, 2000), com

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

o objetivo de favorecer o acesso aos participantes, considerando as dificuldades de deslocamento e os protocolos de segurança previstos durante a pandemia Covid-19. Assim, as entrevistas foram agendadas na modalidade on-line conforme disponibilidade das participantes e da pesquisadora. Foram entrevistadas três famílias brasileiras – duas residindo, atualmente na região sudeste do Brasil e uma na região nordeste – por meio da plataforma de videoconferência do Google Meet, sendo este material salvo para análise, conforme prévia autorização das participantes.

Tab. 1 - Perfil dos participantes

Perfil dos participantes									
Dados do Bebê			Dados dos familiares participantes						
Nome fictício do bebê	Idade do bebê	Gênero do bebê	Familiar entrevistado (Grau de parentesco)	Idade do familiar entrevistado	Escolaridade	Raça	Trabalha fora do ambiente doméstico	Quem cuida do Bebê	Mais de um filho
Dunga	4 meses	Masculino	Mãe	24	Ensino Superior Com.	Parda	Sim	Avó Materna	Não
Feliz	1 ano e 3 meses	Feminino	Mãe	24	Ensino Superior Com.	Branca	Sim	Avó paterna	Não
Mestre	2 ano e 2 meses	Masculino	Mãe / Madrinha	31/30	Ensino Médio (ambas)	Branca/Negra	Não	Mãe	Sim, 3 filhos mais velhos.

Fonte: As Autoras (2022)

Os nomes fictícios atribuídos aos bebês foram escolhidos, em primeiro lugar, por fazer referência ao título lúdico da Dissertação de Mestrado que deu origem ao presente artigo: *Espelho, espelho meu, me diga quem sou eu: a importância do cuidar e educar para o desenvolvimento socioemocional na primeira infância*, que remete ao conto da Branca de Neve, além da questão teórica exposta neste trabalho, acerca da importância do olhar materno como espelho que serve de referência ao desenvolvimento infantil (Winnicott, 2006). Em segundo lugar, ainda em referência ao conto mencionado, os nomes foram escolhidos em consonância com o lugar subjetivo que cada criança parecia ocupar no discurso materno, em comparação, realizada pela autora, aos lugares e personalidades de cada um dos três anões, no conto da Branca de Neve. Dunga era o mais novo entre os anões, mas também um dos que se fazia mais presente, assim como foi a intensa participação do bebê durante a entrevista com a mãe, sendo também o bebê mais novo entre os demais. Feliz, o mais animado dos anões, assim como a bebê mencionada pela mãe, como aquela que canta e dança o tempo todo. Já o Mestre, é o anão mais velho e considerado o mais experiente; assim como o entrevistado, mesmo com palavras atrapalhadas, exige respeito ao solicitar que tudo lhe seja pedido “por favor”.

A construção do roteiro das entrevistas com as famílias teve como inspiração o Instrumento de Indicadores de Risco Clínico ao Desenvolvimento Infantil (IRDI). Esse

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

instrumento é composto por trinta e um indicadores clínicos de risco psíquico ou de problemas de desenvolvimento infantil passíveis de serem observados nos primeiros dezoito meses de vida de uma criança (Kupfer *et al.*, 2010), tendo como pressuposto a concepção de que as bases da saúde mental se estabelecem nos primeiros anos de vida da criança e dependem das relações afetivas, simbólicas e corporais, que se estabelecem entre o bebê e seu cuidador (Kupfer *et al.*, 2003).

A pesquisa esteve pautada nos protocolos previstos na Resolução CNS N° 510, de 07 de abril de 2016 que trata das especificidades da pesquisa com seres humanos, no Brasil, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFRPE) sob o CAAE: 58080122.2.0000.9547 e do Número do Parecer: 5.565.779. Para tanto, foi de imprescindível importância a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado desde o momento anterior ao preenchimento do questionário sociodemográfico, reforçando seu conteúdo verbalmente, no início da entrevista on-line, para que todos os participantes tivessem acesso ao conteúdo, pretensão e procedimento da pesquisa em andamento, bem como para que tivessem ciência do sigilo envolvido na pesquisa e da possibilidade de desistência da participação a qualquer momento (Brasil, 2016).

Acerca dos riscos que a pesquisa poderia ocasionar aos participantes, foi considerado o risco de desconforto emocional por envolver aspectos subjetivos da convivência familiar e cuidado parental. Nesse sentido, a pesquisadora tomou os devidos cuidados quanto ao modo de abordagem aos participantes, colocando-se a disposição para fornecer indicação de profissionais de psicologia que pudessem fornecer suporte emocional gratuito em caso de eventuais desconfortos que pudessem emergir a partir do conteúdo das entrevistas.

Quanto aos benefícios, a pesquisa pode beneficiar a criação de modelos de intervenção para famílias e crianças inseridas no contexto da primeiríssima infância, fornecendo ainda subsídios para o desenvolvimento de material informativo e campanhas educativas para as famílias.

6 Resultados e discussão

Dentro do eixo do desenvolvimento, abordado neste artigo, foram apontadas durante as entrevistas, nove menções relativas à categoria desenvolvimento subjetivo, que se caracteriza

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

pelos elementos presentes no discurso materno que correspondem à subjetivação do bebê e ao reconhecimento deste como um sujeito em formação a exemplo do que se pode chamar de interação mãe-bebê, constituição do Eu (individuação) e alternância presença-ausência.

Ainda dentro dessa categoria referente ao desenvolvimento subjetivo, foi possível identificar no discurso das famílias participantes a importância atribuída à presença de um adulto que dedique atenção e afeto ao bebê, refletindo suporte e cuidado no processo de desenvolvimento e crescimento da criança. Os elementos relativos à segurança, ao brincar, ao olhar, à presença, ao limite, ao respeito à singularidade e ao lugar de sujeito desejante da criança também se apresentaram com relevância no discurso, destacando que os elementos que se constituem na relação de cuidado entre o adulto e o bebê são reconhecidos como cruciais para uma constituição saudável.

A segunda categoria desse referido eixo se caracteriza pelo desenvolvimento físico, relativo às conquistas de habilidades físicas e mentais. As cinco menções que compuseram essa categoria se mantiveram enfáticas quanto à importância do estímulo ao desenvolvimento motor, bem como à autonomia que, gradativamente vai se tornando visível nos bebês que recebem, de suas famílias, o espaço seguro e adequado ao enfrentamento de desafios e descobertas de possibilidades com o próprio corpo e ao redor dele, no mundo que o cerca.

Fig. 1 – Desenvolvimento



Fonte: As autoras (2022)

Além da especificidade das menções destacadas em cada uma das referidas categorias,

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

também se considera pertinente abordar, conforme demonstrado na Fig. 1, que a atribuição de qualidades e especificidades ao desenvolvimento subjetivo pode ilustrar o quanto as famílias são capazes de identificar e reconhecer o papel preponderante das relações afetivas e de cuidado estabelecidas no seio familiar, bem como suas implicações no desenvolvimento integral dos bebês. Sobre esse aspecto, embora seja abordado de modo mais amplo nos subtópicos a seguir, verifica-se que a importância atribuída ao desenvolvimento subjetivo, sobretudo nos anos iniciais do bebê, reforça no discurso familiar as contribuições da teoria acerca da constituição subjetiva e sua importância no desenvolvimento.

Apesar de sutil, a diferença quantitativa que se apresenta nas menções familiares atribuindo menor expressividade ao desenvolvimento físico, dá alguns indicativos do olhar atento das famílias para esse pequeno ser que se desenvolve em outras direções que vão além do que é possível observar na dimensão corporal. Essa diferença pode ainda ser atribuída, a partir do que se pôde observar nos discursos familiares, à proximidade que os estudos teóricos e empíricos têm estabelecido com a população em geral, tornando acessível o conhecimento e as orientações de base científica acerca do desenvolvimento cognitivo, emocional, neurológico e relacional.

6.1 Dunga (bebê de 0-1 ano)

No que tange ao desenvolvimento subjetivo, um dos primeiros destaques presentes no discurso da mãe de Dunga foi sobre a interação do bebê com o espelho: *"Ele gosta de brincar com o espelho e a gente ama fazer isso com ele, porque ele começa a conversar, ele dá risada"* (sic). Essa brincadeira corriqueira, momento encantador entre a família e o bebê nos primeiros meses de vida, ocupa um lugar valioso no desenvolvimento subjetivo. O encontro do bebê com o espelho, acompanhado de quem exerce os cuidados maternos, tem função estruturante para o Eu do infans em constituição, uma vez que é na relação especular nomeada por um Outro⁶ que o bebê começa a se reconhecer como alguém separado de sua mãe, um ser integrado (Lacan, 1998).

⁶ Escrito com a primeira letra maiúscula por ser relativo ao conceito lacaniano que se refere a alguém significativo, imprescindível na constituição subjetiva do bebê. O Outro é um lugar, geralmente ocupado pela mãe, que convoca o sujeito diante de sua subjetividade e posicionamento no mundo. Lê-se: grande outro.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

A mãe afirma ainda: "*Acho tão fofo! Ele brinca, se diverte, aí a gente deixa [mãe e pai]. Eu já ouvi dizer que é um estímulo, né?!'*" (sic). E na mesma perspectiva que na fala da mãe era retratado o brincar do bebê com o espelho, ele se fazia presente na entrevista brincando com o olhar, buscando interagir com a mãe e com a pesquisadora. No momento em que a mãe falava sobre o nascimento de Dunga, olhava para ele e dizia:

Depois quando nasceu mesmo, eu falei: '- Caramba! Agora eu sou mãe! O que é que eu vou fazer da minha vida?' Não sabia dar banho, não sabia fazer nada. Parece que vem uma coisa assim e te ensina tudo de uma vez só, sabe?! Mas foi assim: um momento estranho e fantástico ao mesmo tempo (sic).

Durante essa fala da mãe, se dirigindo ao bebê, ele também olha para ela e em seguida dirige o olhar para a pesquisadora e começa a sorrir. Apesar de muito pequeno, o bebê parece ter feito questão de acompanhar o que estava sendo dito sobre ele, sobre sua história, inclusive emitindo sons nos intervalos da fala de sua mãe.

Winnicott (1975) ao escrever o artigo "O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil" (publicado originalmente em 1967), apresenta inicialmente sua exposição prestando seu reconhecimento ao artigo de Lacan (1998) "O estádio do espelho como formador da função do eu" (publicado originalmente em 1949) citando-o como influência, mas reconhecendo que não seguiriam a mesma perspectiva, uma vez que Lacan fazia referência ao espelho plano. Winnicott (1975) propôs então um reposicionamento da noção de "espelho", buscando relacioná-lo ao rosto humano, em especial, o rosto materno. Para o autor se trata de um reconhecimento autêntico, manifesto pela expressividade do rosto materno e pela adaptação às necessidades do lactente. Dessa forma, o reconhecimento de si parte de uma concretude da presença física da mãe. O bebê se reconhece pela presença viva e pela relação estabelecida com o olhar e rosto materno.

Dessa forma, a brincadeira entre o bebê e o espelho, mediada pela mãe e também pelo pai (informação trazida no discurso), parecem engajar a importância das duas concepções teóricas: a nomeação e a alegria do bebê em iniciar o seu processo de reconhecimento no espelho plano, tendo como foco e suporte o olhar materno que também lhe serve de espelho e possibilidade de reconhecimento.

A importância do rosto da mãe no desenvolvimento maturacional do bebê é, para Winnicott, a expressividade afetiva que sustenta o olhar do bebê e o devolve a si mesmo. Dessa forma ele se sente reconhecido e visto pelo olhar materno que se coloca para a criança como

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

uma aprovação e confirmação da sua existência. A função especular é para autor o reconhecimento do modo de ser singular do bebê, que lhe oferta a constituição e integração (Winnicott, 2006).

Ainda em relação ao desenvolvimento subjetivo, quando perguntada sobre o choro do bebê ao acordar no berço, a mãe diz: “*A gente pega, tanto eu quanto minha mãe ou o pai dele. A gente pega e tenta acalmar ele, né?*” (sic). O bebê vai conhecer a imobilidade externa quando fica sozinho no berço. Nesse momento ele sente que falta alguma coisa em torno dele, o que se pode assemelhar com o sentimento de solidão (Queiroz, 2005). Quando uma criança chora no berço os pais recebem aquele choro como um pedido de socorro que os impulsiona a correr para atender aquela demanda.

E é a nomeação dessa demanda, desse desconforto comunicado pelo bebê através do choro, que vai ser identificado pelo familiar que se dedica aos seus cuidados, sendo então devolvido ao bebê como uma resposta que o ajuda a diferenciar as variações dos desconfortos sentidos por ele: “[...] *se ele não dormir, a gente sabe que ele tá com fome, a gente oferece a mamadeira, porque ele já tá com fome ou eu dou o peito, né?!*” (sic).

Esses relatos e diferenciações apresentadas aqui pelo discurso da mãe de Dunga, exemplificam as nuances do desenvolvimento subjetivo e físico, quando o afeto e a linguagem participam diretamente da relação mãe-bebê, respaldando e elucidando uma maturação física que leva o bebê a encontrar caminhos de reconhecer os movimentos do próprio corpo (Jerusalinsky; Páez, 2000; Parlato-Oliveira, 2011; Queiroz, 2005).

Numa realidade onde tudo ocorre de forma veloz, a agitação do cotidiano pode levar os pais a tentarem adequar o ritmo do bebê a uma rotina igualmente agitada. No entanto Falk (2002) adverte que o sentimento de segurança do bebê também está associado à regularidade na execução das atividades de cuidado de modo atento e dedicado. É nesse momento de dedicação que se faz um encontro privilegiado entre o bebê e a pessoa que exerce cuidados sobre ele, tempo propício à construção e aprofundamento de intenso vínculo afetivo (Falk, 2002; Silva; Ribeiro, 2021).

Voltar o olhar para a fala atribuída pela mãe ao desenvolvimento físico de Dunga é retomar o que vem se apresentando na teoria e nos dados aqui expostos sobre o fato de haver uma linha tênue entre o desenvolvimento físico e subjetivo, sobretudo nos primeiros meses de vida. Quando perguntada sobre qual era sua atitude ao perceber que o bebê estava se esforçando

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

para mudar de posição sozinho no berço, a mãe de Dunga sorri e responde: “*Geralmente a gente estimula, né? Ele já fez algumas vezes, só que ele parece uma tartaruguinha. Ele vira e não sabe desvirar, aí a gente deixa e fica estimulando para ver se ele consegue*” (sic).

O ritmo acelerado com que o bebê se interessa em descobrir o próprio corpo a partir de um reconhecimento de si ocorre embasado por estímulos que lhe são direcionados pelos cuidadores, em especial a partir da voz, que se soma às competências perceptivas do bebê. Assim, experimentando afetos de vitalidade, o pequeno ser é capaz de encontrar-se em um primeiro nível de organização (Stern, 1991; Lopez, 2011).

Sobre o estímulo e a liberdade de deixar que Dunga explore o próprio corpo, em seu ritmo particular, a partir do exemplo mencionado pela mãe, os adultos cuidadores ficam apenas a observar e a lhe garantir segurança. Essa atitude aparentemente simples favorece o bebê em seu percurso de sentir-se curioso e capaz de explorar o potencial de seu corpo, descobrindo os próprios limites. Tais movimentos e esforços também são fundamentais ao desenvolvimento da musculatura e equilíbrio (Silva; Ribeiro, 2021).

6.2 Feliz (bebê de 1-2 anos)

O período inicial da vida de uma criança é marcado pela presença dos seus familiares e a mãe (ou quem exerce essa função) assume um papel importante no desenvolvimento dos vínculos na primeiríssima infância. A saúde mental desse pequeno ser é construída pela relação primordial que proporciona um espaço seguro, facilitando a evolução dos processos que irão assegurar as bases para o desenvolvimento físico e emocional do bebê (Bowlby, 2006; Spitz, 1998; Winnicott, 1993; Kupfer *et al.*, 2010).

A mãe de Feliz, bebê de um ano e dois meses, relata a importância de sua presença ao lado da filha nos momentos em que ela se desequilibra afirmando que: “*Faz parte também ela entender que, mesmo ela caindo, eu estou ali do lado dela*” (sic). Nesse sentido, observa-se a importância dos responsáveis pelos cuidados com o bebê, assumirem um papel ativo nessa construção subjetiva, a existência do bebê dependerá das atitudes que o cuidador desenvolverá nas relações afetivas, físicas e simbólicas nos seus primeiros anos de vida (Kupfer *et al.*, 2010).

Essa relação cuidador-bebê é influenciada pelo campo social que é anterior ao nascimento do bebê. Nesse campo estão envolvidas também as histórias familiares, o desejo dos seus pais

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

e a forma como o seu cuidador primordial vivenciou os seus vínculos afetivos. Quando a mãe de Feliz diz: *“Eu sempre olhei pra ela como um ser humano, um indivíduo diferente de mim, né?! Que tem vontades diferentes. Então, desde que ela é bebezinha, eu tento olhar para ela dessa forma”* (sic), essa mãe olha para sua criança e supõe que ali existe um sujeito, assim, o seu olhar afetivo singulariza o seu bebê, mediado pelo exercício da função materna. Entendendo que ela, a mãe, é também um ser singular e separado de seu bebê, ela pode ensinar, falando ao seu bebê através da voz e das atitudes, quem o seu bebê já é e também o que se espera dele. E nessa prática contínua a criança vai aprendendo a buscar e querer coisas diferentes, vai além do que lhe é oferecido e pode então desejar. É nesse desenlace que a criança, posteriormente, se torna capaz de falar em nome próprio (Szejer, 2016; Parlato-Oliveira, 2011). Isso é passível de ser identificado quando a mãe de Feliz se orgulha e reconhece que a filha já consegue apontar o que deseja, afirmando: *“Dá para identificar o que ela quer, sabe? Agora fica até mais fácil, porque ela aponta, ela vai até lá, entendeu? Fica bem mais fácil”* (sic).

Indo além, é imprescindível marcar que a relação mãe-filho não vai depender apenas do desejo e das expectativas da mãe em relação ao seu bebê, mas também do desejo da criança de ser desejada por um Outro primordial que lhe ofereça um lugar e que indique que o desejo funciona como um direcionamento na busca da criança considerando-a como um ser ativo nessa relação. O encontro entre quem cuida e quem é cuidado na relação cuidador-bebê precisa ser prazeroso para os dois (Corso; Corso, 2011).

Para Freud (1996c), a criança aprende a amar e se relacionar com as outras pessoas a partir da forma como ela se relaciona com a sua mãe durante o período da amamentação e dos cuidados desempenhados por ela nos seus primeiros anos de vida. Tais cuidados servirão de suporte para a construção das relações futuras.

Desde o nascimento o bebê inicia uma complexa relação com o ambiente que o cerca, as relações afetivas com os pais e em seguida com o social devem ser estabelecidas e estimuladas, pois esse processo de crescimento, maturação e desenvolvimento humano interfere de forma direta nas relações afetivas, sociais e motoras a serem desenvolvidas pelo bebê (Liebermann *et al.*, 2007).

Na perspectiva do desenvolvimento físico, quando foi perguntado à mãe de Feliz sobre os primeiros passos de seu bebê, bem como sobre suas tentativas de ficar em pé sozinha, ela responde: *“Eu fico de longe olhando [...] ela vai cair de bumbum, tudo bem!”* (sic). As

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

aquisições motoras da criança são compostas por fatores biológicos, afetivos e sociais presentes na vida do ser humano e no bebê essas atividades são bastante ativas, porém desordenadas, o que leva o bebê a se movimentar de maneira assimétrica entre os membros superiores e inferiores (Diamond, 2000).

Desse modo, alguns reflexos presentes nessa idade vão ser inibidos a partir dos três anos devido ao amadurecimento do cerebelo e do córtex frontal o que vai proporcionando movimentos mais ordenados como a locomoção e a manipulação de objetos (Diamond, 2000). Por isso, é importante que o bebê receba estímulos motores adequados de acordo com o seu nível de desenvolvimento.

Em outro exemplo, ainda da mãe de Feliz, é possível identificar o estímulo materno quando Feliz cai e, ao tentar se levantar sua mãe lhe diz: “*Levanta, vai, você consegue!*” *Aí agora ela aprendeu*” (sic). O potencial que a criança vai adquirindo ao longo do seu desenvolvimento começa a ser estruturado desde o nascimento, essas interações iniciais estão diretamente ligadas ao desenvolvimento biológico e às interferências exercidas pelo ambiente em que a criança está inserida (Diamond, 2000; Wolfe; Bell, 2007).

6.3 Mestre (bebê 2-3 anos)

Durante os primeiros meses do bebê inicia-se o momento de seu amadurecimento. Marcado primeiramente pela dependência absoluta que, gradualmente vai avançando em direção à dependência relativa e em seguida à independência (Winnicott, 2000). Esse percurso realizado pelo bebê acontece através das conquistas emocionais e cognitivas, da capacidade relacionada à locomoção, da sua entrada no universo da linguagem e da habilidade de interagir com pessoas e objetos (Brazelton, 2002).

Nesse processo de interação a criança vai se descobrindo e o brincar também se evidencia nesse período do desenvolvimento. Considerando o bebê de dois anos e três meses, percebe-se a facilidade que ele tem de manipular os brinquedos nessa idade e a gradual aquisição que vai sendo construída da motricidade fina (Harris; Liebert, 1991).

Quando perguntado à mãe de Mestre se ao observar as brincadeiras do seu filho ela já havia presenciado alguma atitude em que ao brincar com outra criança ele tivesse chorado para ter acesso ao brinquedo que a outra estava segurando, ela respondeu:

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

Eu tento dizer a ele que, se não é dele o brinquedo, ele não pode pegar. E se for de outra criança e a criança não quer dar a ele, ele não tem o direito de ir tomar o brinquedo da mão da criança. Eu sempre fico dizendo isso a ele! (sic).

As atitudes e aquisições do bebê também vão exigir da mãe ou de quem exerce o cuidado direto com a criança, um posicionamento diante da necessidade de estabelecer limites. Percebe-se na fala da mãe de Mestre a preocupação de educar e orientar o filho mostrando-lhe o que é certo e errado, estabelecendo limites entre o eu e o outro e assim, entre o que é meu e o que é do outro. Esses aspectos, de acordo com Patias *et al.* (2013), estão relacionados à preocupação materna com a educação de seus filhos, bem como com a exigência consigo de não serem rígidas com seus filhos além do necessário.

A madrinha de Mestre aponta em sua fala a atenção necessária de ser dispensada à criança nesse momento do desenvolvimento dizendo que “[...] *ele está naquela fase de você ter que olhar para não cair, não se machucar, assim, essas coisas né?! Tá aprendendo, descobrindo*” (sic). E mais uma vez identifica-se no discurso familiar a intrínseca relação entre desenvolvimento subjetivo e físico, o que convoca a atenção familiar e também profissional para que a primeiríssima infância, em especial, seja cuidada e observada como esse momento típico de intensas aquisições e transformações.

Quando a mãe de Mestre se refere ao momento de alimentação do filho, abordando o desenvolvimento físico: “*Agora ele tá bem, comendo bem melhor sozinho. Ele sabe pegar, suja muito pouco*” (sic), é possível perceber que a autonomia atribuída pelos pais à criança cria essa atmosfera de possibilidades e descobertas, através da qual se encontra espaço para que a criança consiga se equilibrar e usufruir de seu próprio corpo também como uma ferramenta para a satisfação de necessidades.

“*Eu deixo ele fazer, tipo assim, não o errado, mas se ele quer brincar, tá correndo, eu não vou ficar atrás dele toda hora. Deixa ele brincar, ele cai, levanta, brinca de novo!*” (sic) é mais uma afirmação da mãe de Mestre que reforça a importância da autonomia, o que não implica ausência de cuidado e atenção à criança. Na perspectiva apresentada ao longo deste trabalho elenca-se a presença das pessoas que exercem a função de cuidar como fundamentais para o desenvolvimento saudável da criança. No entanto, essa presença não deve se caracterizar por seu excesso, mas por um equilíbrio que favoreça ao bebê e à criança uma liberdade de conhecer o seu corpo e o mundo ao seu redor, sentindo-se, mesmo quando um pouco distante, cuidada e amparada por quem lhe exerce os principais cuidados.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

Abordando a dimensão do cuidado Winnicott (1975) se refere ao acolhimento do gesto espontâneo também como forma de cuidar. A criança sabe que sua mãe é capaz de vê-la e o acolhimento que sente vir dela a envolve em uma experiência de pertencimento que, mais tarde, favorecerá o estabelecimento de relações sociais, em especial na capacidade de se sentir e se fazer importante junto a um outro significativo.

7 Considerações finais

O olhar e o cuidar dirigidos ao bebê são iniciativas capazes de marcar definitivamente o início de seu percurso de vida e é o adulto que lhe serve de espelho, que lhe transmite o mundo. Na relação especular – suportada pelo outro – a criança se enlaça, desenvolvendo-se inicialmente em uma dependência absoluta, até ter condições e ser capaz de se desenlaçar, experimentando e vivenciando a autonomia que lhe é possível. O desenvolvimento humano, sobretudo nos tempos iniciais da infância, é marcado por uma singularidade que o diferencia e especifica; o potencial hereditário humano, como afirmado por Winnicott (2006) não se desenvolverá de modo automático, mas necessitará do encontro com um ambiente propício e uma maternagem que lhe seja suficiente.

Nesse sentido, as famílias puderam demonstrar, nesta pesquisa, que a dimensão de importância atribuída ao afeto e às relações como componentes necessários ao desenvolvimento infantil se tornaram argumentos comuns no discurso social acerca da primeiríssima infância, o que refere a dois aspectos que parecem cruciais: a) o crescimento das produções científicas no âmbito das ciências humanas e sociais que tem se dedicado aos estudos das interações humanas e suas repercussões individuais e culturais e; b) a busca das famílias por conhecimentos teóricos que possam respaldar suas práticas cotidianas, visando fornecer o suporte adequado à criação de seus filhos.

Analisar o desenvolvimento infantil, especialmente a primeiríssima infância, à luz da psicanálise é encontrar um terreno fértil para pensar a constituição da subjetividade humana, sempre entrelaçada na relação de cuidado sob a influência sociocultural. Assim, o conteúdo dos discursos das famílias participantes compôs um importante arcabouço de dados passíveis de diálogo com a teoria proposta, mas vale salientar que os dados aqui apresentados demonstram a possibilidade de que novas pesquisas sejam realizadas e proponham referenciais teóricos

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

diversificados dentro do campo psicanalítico.

Referências

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**: Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro, RJ: Revinter Ltda, 2000.

BOWLBY, J. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARBOSA, D. C. A clínica psicanalítica: de crianças a bebês, uma especificidade. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 262-277, jul./dez. 2012.

BARBOSA, D. C. Da concepção ao nascimento, a razão da intervenção precoce. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 12, n. 23, p. 68-77, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282007000200006&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 23 ago. 2022.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2fmmKeD>. Acesso em: 19 jan. 2022.

BRAZELTON, T. B. **Momentos decisivos do desenvolvimento infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORIAT, E. **Psicanálise e clínica de bebês**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 1997.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **A psicanálise na Terra do Nunca**: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

DAVIS, M.; WALLBRIDGE, D. **Limite e espaço**: uma introdução à obra de D.W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DIAMOND, W. A. Close interrelation of motor development and cognitive development of the cerebellum and prefrontal cortex. **Child Development**, [S.l.], v.1, n. 71, 2000.

FALK, J. **Las primeras semanas de su bebé**. Barcelona: Octaedro : Rosa Sensat, 2002.

FREUD, S. O esclarecimento sexual das crianças. *In*: FREUD, S. **Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. *In*: **Obras completas de Sigmund Freud**: edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996a.

FREUD, S. Totem e Tabu. *In*: **Obras completas de Sigmund Freud**: edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996b.

FREUD, S. Construções em análise. *In*: **Obras completas de Sigmund Freud**: edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996c.

HARRIS, J. R.; LIEBERT, R. M **The child**: a contemporary view of development. New Jersey: Englewood Cliffs, 1991.

JERUSALINSKY, J. **A criação da criança. Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê**. Salvador, BA: Àgalma, 2014.

JERUSALINSKY, A.; PÁEZ, S. M. C. Carta aberta aos pais acerca da escolarização das crianças com problemas de desenvolvimento. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v.5, n.9, p. 118-123, 2000.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

JERUSALINSKY, J. **Enquanto o futuro não vem**. Salvador, BA: Àgalma, 2002.

KUPFER, M. C. M. *et al.* Pesquisa multicêntrica de indicadores clínico para a detecção precoce de riscos no desenvolvimento infantil. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v.2, n.6, p. 7-25, 2003.

KUPFER, M. C. M *et al.* Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. **Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 31-52, 2010.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 29- 90.

LAZNIK. M. C. **A voz da sereia**: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador, BA: Àgalma, 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. **Les Structures Élémentaires de la Parenté**. New York: Monton de Gruyter, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIEBERMANN, D. *et al.* Cognitive and emotional aspects of self-regulation *In: Science Direct*, Victoria, v. 22, 2007.

LOPEZ, M. I. Tomasello y Stern: dos perspectivas actuales incluyentes del Desarrollo Infantil. **Rev.latino am.cienc.soc.niñez juv**, Manizales, v. 9, n. 2, p. 509-521, jul. 2011 . Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2011000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jan. 2023.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NAGY, E.; MOLNAR, P. **Homo imitans or homo provocans?** The phenomenon of neonatal imitation. *Infant behaviour and development*. **Pepsic**, [S.l.], v. 27, n. 1, 54-63. 2004.

NEWCOMBE, N. A criança de 2 e 3 anos. *In*: **Desenvolvimento infantil**: abordagem de Mussen. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PARLATO-OLIVEIRA, E. A clínica de linguagem de bebê: um trabalho transdisciplinar. *In*: LAZNIK, M. C.; COHEN, D. **O bebê e seus intérpretes**: clínica e pesquisa. São Paulo: Instituto Langage, 2011.

PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. G. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças*. **Psicologia da Saúde**, [S.l.], v.21, n.1, p. 29-40, jan./ jun. 2013.

PINKER, S. **O Instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

QUEIROZ, T. C. N. **Do desmame ao sujeito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

RECHIA, I. C. *et al.* Processos de apagamento na fala de sujeitos com dispraxia verbal. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 421-426, jun. 2010.

SILVA, M. S. N.; RIBEIRO, A. C. P. A abordagem Pikler como um possível novo panorama para a psicologia infantil. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, 2021.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

STERN, D. **O mundo interpessoal da criança**. Barcelona: Paidós, 1991.

SZEJER, M. **Se os bebês falassem**. São Paulo: Instituto Langage, 2016.

VALLER, E. H. R. A teoria de desenvolvimento emocional de D. W. Winnicott. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24 n. 2, p. 155-170, 1990.

VIEIRA, M. C. S. **Reflexões possíveis**: o olhar de Winnicott e Lacan para a constituição subjetiva. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. **Holding e interpretação**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

WINNICOTT, D. W. **A observação de bebês em uma situação estabelecida**. Rio de Janeiro: Martins fonts, 1978.

WOLFE, C. D.; BELL, M. A. The integration of cognition and emotion during infancy and early childhood: Regulatory processes associated with the development of working memory. **Brain and Cognition**, [S.l.], v. 65, n.1 2007.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p027056

VILLACHAN-LYRA, P. **Estilos de apego, peculiaridades interacionais e aquisição da teoria da mente**. 2002. 227 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

VILLACHAN-LYRA, P. **Plano de trabalho para estágio de pós-doutoramento**. [S. l.: s. n.], 2021.

ZORNIG, S. A. J.; MORSCH, D. S. & BRAGA, N. A. Os tempos da prematuridade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 7, n.4, 135-143, 2004.